

2. Perfil conceitual

2.1. Estudar a escrita: uma opção multidisciplinar

Há pessoas, como o filósofo Flusser (2010, p.18) que acreditam não poder viver sem escrever, “pois só no gesto de escrever podem expressar sua existência”. Ao refletir se os códigos digitais substituirão a escrita, lembra que foram os egípcios os primeiros a usar tinta após longo período no qual apenas incisões sobre objetos com ferramentas cuneiformes eram utilizadas. Em tempos de teclados, celulares e editores de texto digitais, de hipertextos, redes sociais online e imersões multimodais, qual seria o papel da escrita entre as novas gerações?

Este trabalho se propôs a contribuir para a compreensão de práticas e significados da escrita manuscrita e digital entre adolescentes na era digital numa abordagem micro social. Ao acompanhar cinco jovens cariocas, entrevistados em suas casas com os computadores conectados à Internet, frentes de análise complementares se abriram compondo erizado e instigante labirinto.

O conceito de “nativo digital” (PRENSKI, 2001) tem sido debatido atualmente, tendo sido inclusive revisado pelo seu próprio autor, em artigo que tomei conhecimento apenas ao final da escrita da tese (PRENSKI, 2009). Até então o termo “nativo digital” me parecia deveras apropriado - motivo pelo qual incorporei ao título do meu trabalho. Após a defesa da tese, tendo ouvido as considerações da banca, avalei ser necessário problematizar o conceito no corpo do trabalho. Considerei alterar o título para “Práticas de escrita adolescentes na era digital”, mas o documento com o título anterior já tinha sido homologado pela universidade, não sendo mais possível tecer modificações.

Conto com a paciência dos leitores para que feitas as necessárias ressalvas, que procurei incorporar - a contextualização do termo ‘nativo digital’ seja levada em conta durante e leitura. Refiro-me a adolescentes que não apenas operam com familiaridade tecnologias digitais desde a infância (diferente dos ‘imigrantes digitais’ que viram a chegada do celular e da internet quando já eram adultos), mas as integram fortemente no dia-a-dia como “textura geral da experiência” (SILVERSTONE, 2005). Acrescento que pelo entendimento de que o virtual tem

sido constituinte de diferentes aspectos desta textura hoje, neste trabalho a opção foi por um estudo de tipo etnográfico, contemplando a pesquisa dos universos presenciais e *online* dos investigados.

A cada passo na investigação empírica outra janela se oferecia, transbordando o alcance das propostas iniciais. O objeto “escrita de nativos digitais” se mostrou escorregadio e múltiplo, exigindo a entrada no debate sobre aspectos sociais da vida contemporânea, percurso trilhado por perceber que não seria possível isolar práticas e representações do contexto mais amplo no qual estes jovens se inserem.

As mutações que o mundo digital pode engendrar junto às relações que mantemos com a cultura escrita têm sido abordadas por teóricos como Chartier (2002) e Flusser (2010). Uma revolução de técnicas, suportes e práticas é apontada, indicando novas modalidades de composição, publicação, difusão e autoria no processo de apropriação do escrito. Se tais modalidades e mudanças são percebidas entre gerações adultas que acompanharam o surgimento da textualidade eletrônica, o que dizer daqueles que quando nasceram a comunicação online se fazia corriqueira?

Nesta pesquisa, circunscrita ao estudo de 5 casos presenciais e o acompanhamento de práticas de escrita adolescentes em comunidades online, o corte de gênero, ou seja, diferenças entre meninos e meninas em relação ao emprego da escrita digital no que tange ao seu aspecto “(in)formal”, não se mostrou significativo. Entretanto, no que se refere à escrita como “descoberta de si” (DAUSTER, TIBAU e FERREIRA, 2009) a diferença de gênero se impôs. Para a contextualização desta diferença, os argumentos e interpretações oferecidos por Lahire (1997) sobre práticas de escrita masculina e feminina foram de grande valia.

Esses meninos e meninas habitam desde muito novos os mundos da chamada Internet Web 2.0 (O'REILLY, 2005) com desenvoltura e interesse. A “cultura da participação” (JENKINS, 2009a) e das redes sociais tem sido meio para forma como navegam e escrevem, integram comunidades online e trocam mensagens instantâneas. Dois aspectos aqui chamam atenção: a escrita na *web* fortemente associada com a escrita-de-si através da composição de perfis pessoais *online* e a possibilidade de publicação de mensagens híbridas e multimodais. Ambas as situações alargam o conceito de letramento.

O campo dos *New Literacy Studies* (GEE, 2004; HULL & SCHULTZ, 2001; STREET, 2003; NEW LONDON GROUP, 1996) inclui práticas digitais como objeto de pesquisa, integrando a escrita como expressão de identidade. Neste caso, as linguagens de jovens, expressas através do *digital storytelling*¹, de *games*, de troca sincrônica de mensagens, envio de torpedos e *fanfictions*² são interpretadas como sendo constituintes dos letramentos contemporâneos e assim, analisados.

Este trabalho, antes de discutir sua empiria específica, oferece percurso que revisa a literatura sobre o fazer etnografia entre mundos *offline* e *online*. Apresenta as especificidades do contexto da internet Web 2.0 para o campo do *New Literacy Studies* e a discussão em torno do conceito de “nativo digital”. O gênero *fanfictions* – prática base para a escrita de *webnovelas* em comunidades de leitoras e escritoras adolescentes brasileiras é contextualizado ao final.

2.2. A virada digital nos estudos de letramentos - “New Literacy Studies” (NLS)

Para encontrar artigos, pesquisadores e grupos de pesquisa voltados para o estudo do tema “escrita digital de nativos digitais”, utilizei inicialmente o Sistema de Buscas de Bibliotecas da PUC-Rio³. Por este, é possível ter acesso online à base de dados internacionais em Ciências Humanas e Sociais, com textos completos para *download* que tenham sido publicados nos principais periódicos acadêmicos do mundo. As bases de dados internacionais priorizadas foram Wilson e Sage Online.

Pelo contato gradual com uma serie de artigos versando sobre estudos semelhantes, foi possível perceber que a escolha pelo estudo da escrita digital de nativos digitais poderia se configurar em uma proposta clássica filiada ao universo do *New Literacy Studies* (GEE, 2003; HULL & SCHULTZ, 2001; LANKSHEAR & KNOBEL, 2003; NIXON, 2003; SEFTON-GREEN, 2006; STREET, 2003).

Com a “virada digital” (GEE, 2000 p.180) nas práticas textuais contemporâneas, pesquisadores do campo dos NLS tem focalizado a atenção nos

¹ Gama de histórias pessoais contadas de forma potencialmente pública, utilizando recursos de mídia digital. (COULDRY, 2008)

² Termo que se refere a qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos meios de comunicação de massa. (JENKINS, 2009 a)

³ www.dbd.puc-rio.br.

repertórios em mudança pelas especificidades de letramentos digitais. Na revisão feita por Mills (2010), foram analisados artigos publicados entre 1999 e 2009 em 90 periódicos internacionalmente conhecidos.

Pesquisadores deste campo partem do princípio que novas práticas textuais têm sido fortemente mediadas por tecnologias digitais. Chamam atenção para o potencial produtivo e inovador de meios eletrônicos para práticas de letramento entre crianças e jovens, optando por tecer investigações especialmente em ambientes informais e cotidianos através de abordagens etnográficas.

Entrevistas e grupos focais online, abordagens micro-sociais, a utilização de documentos digitais como objeto de análise marcam o perfil da área. Esta foi se constituindo desde a década de oitenta ao longo de estudos sobre práticas de letramento inspiradas na abordagem sociocultural. A perspectiva vygotskyana e etnografias da comunicação com abordagens sociolinguísticas vêm sendo referência teórico-metodológica para trabalhos nos quais se parte do entendimento da linguagem como sendo uma prática social (HULL & SCHULTZ, 2001).

Neste campo de investigação, a ênfase não recai sobre a aquisição e comparação de habilidades, léxicos e propriedades gramaticais percebidas na produção oficial de textos impressos e de resultados escolares isolados, como se os mesmos fossem neutros. Considera os usos cotidianos da linguagem feitos por grupos em seus contextos familiares e de comunidade, valorizando significados segundo os próprios termos dos atores investigados. Inclui a análise de aspectos culturais, socioeconômicos, culturais, históricos e *backgrounds* linguísticos para suas práticas (FREITAS & COSTA, 2005).

Contextos escolares e extra-escolares são pesquisados, assim como comparações entre práticas no ambiente escolar, em casa e na própria rede. Temas como a escrita multimídia de histórias; escrita via troca de mensagens instantâneas e *chats*; contribuições para a plataforma Wiki; criação de revistas eletrônicas; escrita em *microblogs* e *blogs* aparecem como temas centrais.

Como práticas de letramentos digitais também são pesquisadas a produção de mídia digital em geral, o que inclui a produção de vídeos (*Digital Storytelling*) e arte interativa digital, a programação de games e *performance* poética via audiovisual. Esta amplitude foi alvo de críticas. Afinal, o que realmente conta como letramento? Pessoas leem e escrevem mapas, números, livros, músicas, artigos acadêmicos e imagens: tudo pode ser visto como prática de letramento ou

há necessidade de limitações? A definição inclusiva de Street (2003, p.79) será adotada aqui: o autor considera letramento como “meios particulares de pensar sobre, ler e escrever em contextos culturais”.

Se hoje muitos contextos culturais envolvem tecnologias digitais para a leitura e escrita enquanto prática e representação, a multimodalidade da linguagem da escrita será analisada nesta tese. Este reconhecimento da multiplicidade de canais de comunicação motivou o cunho do termo “multiletramentos” pelo New London Group⁴ (1996). Formas de comunicação hoje podem ser compostas por textos multimodais. Sendo assim, as mesmas não podem ser analisadas de forma estanque. Hoje os letramentos podem ser “digitais, plurais, híbridos, hipertextuais, imediatos, espontâneos, abreviados, informais, colaborativos, produtivos, interativos, hiperlinkados, dialógicos (entre autor e leitor) e linguisticamente diferenciados” (MILLS, 2010, p.255).

Na grande maioria do universo digital estudado por pesquisadores do NLS, o cenário não é a escola ou a universidade, mas ambientes contextuais nos quais práticas de escrita digital ocorrem, ou seja, muito mais em casa, no trabalho, na comunidade, em programas extra-escolares e na própria rede: diversas publicações tem sido feitas principalmente por jovens conectados. Hull e Schultz (2001) revisaram aspectos teórico-metodológicos das abordagens que priorizam esses cenários, sublinhando que pesquisadores têm somado esforços para o acompanhamento do que tem sido escrito, publicado e divulgado online.

Esta publicação online tem aumentado vertiginosamente desde a introdução em 2004 da plataforma Web 2.0, termo cunhado por O’Reilly (2005) para definir a nova fase da internet constituída para promover uma “arquitetura da participação”, potencializando ainda mais o espaço para a esfera comunicativa das experiências cotidianas. A estrutura da internet Web 2.0 permite interações dinâmicas e o contato direto entre usuários através de redes sociais online (RECUERO, 2008).

Em tempos de convergência de mídias (JENKINS, 2009a) e de redes sociais, de Wikipedia, Youtube, Second Life, Orkut, Facebook, Twitter, MSN e Utorrent, as pessoas podem construir, classificar e compartilhar conteúdos

⁴ Grupo de pesquisadores dos EUA, Inglaterra e Austrália responsável por organizar um evento em New London, Hampshire e que se movimentam em torno do debate sobre contextos sociais dos letramentos contemporâneos.

(textos, áudios, imagens, vídeos) que poderão ser remixados e redistribuídos com facilidade, participar de grupos colaborativos com milhões de membros de diferentes partes do planeta, publicar avaliações sobre produtos e serviços, se mobilizar por interesses comuns, ocupando redes sociais como novas ambiências de contato e sociabilidade (HARRISON & BARTHEL, 2009). Devido a tais mudanças, o modo de fazer etnografia sobre práticas de escrita recebe novos desafios, que serão discutidos a seguir.

2.3. Etnografia: entre a presença e virtualidade

Nesse campo de pesquisa, instrumentos para coleta, construção e interpretação de dados etnográficos, incluindo observação participante, caderno de campo e entrevistas em profundidade são revisitados devido às exigências contemporâneas. As tecnologias digitais abrem novas possibilidades de observação, registro e análise para etnógrafos. Murthy (2008) discorre sobre a utilização de web-questionários, vídeos digitais, sites de redes sociais e blogs como instrumentos de pesquisa, lembrando que mesmo que a etnografia incorpore instrumentos digitais e observações de ambientes online, a sua epistemologia continua a mesma. Justamente para preservar a “interpretação das culturas” (GEERTZ, 1989), o alarme precisa ser acionado se o campo sociológico for restrito às configurações físicas porque a “realidade virtual” não está separada de outros aspectos da experiência humana.

As interações sociais acontecem cada vez mais também em ambientes online, sendo imperativo integrá-las ao conjunto de práticas, significados, representações, construção da identidade, tensões, valores e crenças dos grupos estudados. Como os dois espaços interagem e transformam um ao outro, a distinção entre os mundos off-line e online tem sido cada vez menos útil para a interpretação de fenômenos sociais. (GARCIA *et. al*, 2009).

Os sites de redes sociais, como Orkut e Facebook, aspecto-chave da web 2.0, podem ser especialmente úteis para a etnografia. Murthy (2008, p.845) elenca os principais motivos para isso, alegando que nesses espaços: a) amigos virtuais que compõem a rede de um determinado respondente podem ser facilmente acessíveis, b) há um vasto material multimídia disponível tornado público, c) a estrutura das relações é passível de ser observada em tempo real, pesquisadores

podem, caso queiram, d) tornar-se invisíveis”; e) criar páginas explicitando objetivos da pesquisa online; f) disseminar informações facilmente.

As redes sociais online costumam oferecer espaço para a manutenção e ampliação de amizades e integração a grupos de interesses comuns. Os grupos online chamados de “comunidades” variam em tamanho e complexidade, podendo ser compostos por pequenos grupos ou por complexos ambientes frequentados por milhões de participantes simultâneos. As tensões para entrada, observação e participação no campo virtual persistem: a presença online nestas comunidades precisa ser negociada.

Baseada nas análises de Murthy (2008); Garcia *et. al* (2009) e Dicks *et. al* (2006), a tabela a seguir tenta sistematizar as possibilidades que a atuação coordenada nos campos físico e online pode oferecer para a etnografia.

	Etnógrafo no campo “físico”	Etnógrafo no campo “online”
Entrada no campo	Acesso ao cenário da pesquisa: negociação presencial, por telefone ou indicação.	Negocia a entrada em campo através de e-mail, chat, troca de mensagens instantâneas.
Observação	Está fisicamente presente com o sujeito da pesquisa, podendo usar habilidades interpessoais para acessar e interpretar o mundo social investigado.	Desenvolve habilidades para analisar textos multimodais e interagir online com os atores sociais. Possibilidade de anonimato para observação.
Ética	Questões éticas negociadas face-a-face. Autorizações por escrito.	Incorpora questões éticas para sua postura online. Dependendo do caso, não é razoável coletar dados sem permissão ou sem se identificar como pesquisador, embora haja exceções. Material disponível na rede é por princípio, público.
Participação	Interage verbalmente com membros.	Interage principalmente através da escrita digital, podendo utilizar webcâmeras ou chamadas de voz.
Registro	Utiliza caderno de campo, máquina fotográfica, vídeos,	Grava eventos e interações sociais

	gravadores de áudio para o registro de pessoas falando e agindo presencialmente. Necessidade de transcrição das falas.	diretamente da tela observada. Material textual, imagético, hipertextual e audiovisual como dados. Não há necessidade de transcrição.
Estudo do cenário e contexto	Observação dos participantes através das mensagens verbais em conjunto com expressões faciais, tons de voz, linguagem corporal, aparência, modos de se vestir e cenário.	Uso de fotos pelos participantes online; uso de avatares; observação de aspectos visuais e intertextualidade de websites; possibilidade de customização de layout e cores que personalizam o etnógrafo; emprego de <i>emojicons</i> , abreviações, gírias, modos de escrita multimodais pelos membros.
Autenticidade	Conferência da identidade do membro pesquisado é feita presencialmente.	Uso de pseudônimos pelos membros dificulta possibilidade de verificação de informações e conferir a identidade das pessoas. Anonimato garante maior liberdade para expressão.
Entrevista	Maior possibilidade de restrições espaço-temporais. Necessidade de transcrição.	Troca sincrônica de mensagens, e-mails e organização de grupos focais online 24 horas por dia. Não há necessidade de transcrição.
Questionário	Quando enviado pelo correio exige impressão, distribuição, espera para o recebimento da resposta, maior dificuldade de interação, necessidade de transcrição.	Web-questionários: possibilidade de grande alcance de usuários independente da localização geográfica e interação imediata após resposta. Não há necessidade de transcrição das respostas.
Competências do etnógrafo	Observar, tomar notas, escrever o diário de campo, fotografar, gravar entrevistas.	Interagir nos ambientes online, sendo capaz de gerenciar sua identidade online e de se comunicar através de modalidades mediadas por computador (e-mail, chat, fóruns,

		mensagens instantâneas)
Volume de dados	Coletados nos limites que a presença do etnógrafo engendra.	Possibilidade de alcançar centenas de usuários simultaneamente com facilidade.
Análise	Interpretação “no olho” do diário de campo por definição de categorias nativas.	Utilização de softwares como Atlas.ti para facilitar categorização de material multimodal.

Figura 1 – Quadro etnográfico no campo presencial e online

A etnografia combinada não precisa ser definida *à priori*, sua configuração metodológica dependerá do tópico de interesse para o pesquisador. Há casos nos quais não há necessidade de contato *offline* com os entrevistados, sendo possível a realização exclusiva de web-etnografias. Esse perfil se desenha quando toda a interação do grupo é feita online, quando os membros observados não se encontram presencialmente.

O etnógrafo pode acompanhar a manifestação de comportamentos e rotinas exclusivamente no ambiente virtual, como feito em pesquisas sobre comunidades nas quais os membros sofrem distúrbios alimentares, estão acima do peso ou frequentam agências de casamento internacionais online (GARCIA *et. al*, 2009, p.55). Quando fenômenos sociais são conduzidos nas duas dimensões é necessário definir as configurações de cada um dos campos, explicitando os instrumentos de coleta e análise de dados.

A proposta de investigar a escrita digital de nativos digitais foi desafiadora, principalmente porque não delimitar, *a priori*, nenhuma esfera ou ambiência específica para a experiência de escrita. Como meu interesse se forma pelas relações, rupturas, continuidades, significados e práticas da escrita, me dispus a conhecer o que me seria apresentado pelos jovens, em suas casas e computadores, independente do cenário ser *offline* ou *online*.

Pensar letramentos e leituras no mundo digital tem sido uma preocupação contemporânea para Chartier (2002). Será o texto eletrônico o novo livro de areia (BORGES, 1976) cujo número de páginas é infinito e que não se pode ler de tão monstruoso? Ou enriquecerá o diálogo que cada texto estabelece com seu leitor? Ninguém sabe a resposta. “Como ficam as línguas na época da textualidade eletrônica?” – pergunta Chartier. Não são apresentadas, entretanto, respostas, mas o debruçar de novas pesquisas sobre a relação entre escrita e tecnologia é incitado:

Ainda não sabemos, contudo, muito em como essa nova modalidade de leitura transforma a relação dos leitores com o escrito. Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia o leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade. (CHARTIER, 2002, p.30)

A procura por núcleos de pesquisa no Brasil voltados para o estudo de letramento digital de jovens foi feita em paralelo, através do Banco de Teses da Capes, Sistema de Busca do Scielo e Currículo Lattes. O grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC), da UFJF, vem desde 1995 se dedicando a investigar questões de leitura e escrita a partir de diferentes ângulos, adotando como enfoques teórico-metodológicos a abordagem qualitativa na perspectiva sócio-histórica. No período de 1997 a 1999, o objetivo do grupo foi o estudo da leitura e escrita de crianças e adolescentes na contemporaneidade. Foi percebida defasagem entre o que a escola propõe como práticas de leitura e escrita e as experiências cotidianas dos alunos. O contexto sociocultural oferece outras alternativas, prazerosas, mas desconhecidas ou ignoradas pela escola. Computador e internet têm se tornado mediadores dessas alternativas.

Por isso, de 1999 a 2001, o LIC optou por estudar a construção de leitura/escrita na Internet e na escola, pesquisando um grupo de estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Como os jovens percebem a Internet? O que ela representa em suas vidas? Como avaliam a escrita e leitura interativa e virtual? Como são as práticas de leitura e de escrita tanto cotidianas quanto escolares? Os pesquisadores entraram nas salas de bate-papo e em listas de discussão portando essas questões, esperando evitar uma situação artificial de pesquisa:

Interagindo com os internautas em seu meio natural, poderíamos observá-los de forma mais real e concreta, valendo-nos dos recursos e suportes eletrônicos que eles utilizavam, navegando no mesmo ciberespaço em que estavam inseridos (FREITAS, 2005, p.8).

Contatos face-a-face também foram agendados para a última fase da investigação. Para a autora, o conceito de letramento na cibercultura traz outras implicações que, no entanto, ainda não tinham sido suficientemente pesquisadas.

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002, p.152)

Na PUC-Rio, duas pesquisadoras também investigam a escrita digital de jovens. Nicolaci-da-Costa (1998; 2006; 2007), do Departamento de Psicologia possui longa trajetória de ensino, pesquisa e publicações sobre impactos sociológicos produzidos por tecnologias digitais como internet e telefonia celular. Em relação ao estudo da leitura, escrita, educação e oralidade, Dauster, (2006, 2009) coordenadora do GEALE – Grupo de Estudos em Antropologia de Leitura e Escrita tem se destacado. “Mulheres e Cultura Letrada - uma antropologia da formação de escritoras” é o projeto de pesquisa que coordena atualmente (2009-2011), tecendo interessantes relações entre estudo de gênero e práticas escritoras.

2.4. Nativos digitais: um conceito geracional?

Adolescentes constituem a maior categoria demográfica de criadores e compartilhadores de conteúdo digital (LENHART *et al.*, 2007). Crianças e jovens “nativos digitais” (PRENSKY, 2001) compõem um segmento de usuários da chamada “geração digital” (LIVINGSTONE, 2003) ou “*screen generation*” (RIVOLTELLA, 2006) que incorporam ao seu cotidiano o uso de computadores, internet, e-mails, videogames, MP players, câmeras de vídeo, celulares, mensagens por SMS e/ou por ambientes de troca sincrônica e muitos outros recursos tecnológicos como parte de suas vidas. A facilidade de acesso à tecnologia e a convergência crescente da mesma têm permitido aos jovens uma participação ativa como produtores culturais (JENKINS, 2009).

De acordo com Silverstone (1994, 2008) e Caron e Caronia (2007), as tecnologias da comunicação estão sendo “domesticadas” pelos mais jovens, na medida em que estes as utilizam, tornando-as parte da rotina da vida cotidiana, adaptando-as as suas necessidades e características pessoais.

“Nativos digitais” representam a primeira geração que não apenas cresceu rodeada pelas chamadas novas tecnologias, mas que as tem como sendo parte de seus próprios respiros, suas próprias peles: a pele da cultura” contemporânea, como descreve a metáfora de Derrick de Kerkhove (2009). Usuários adultos ou nascidos antes da popularização das novas mídias, chamados por Prensky (2001) de “imigrantes digitais”, teriam de maneira de lidar com a tecnologia - rodeada por aura e inovação cuja atualização é difícil de ser alcançada- mais tímida e

temerosa, algo a ser desvendado e conhecido com cautela ou até mesmo abandonado como projeto.

Originalmente a distinção entre nativo digital e imigrante digital investia no *gap* geracional que separava abruptamente jovens e adultos com a mesma força que falantes nativos de uma língua ou moradores locais de uma região se diferenciam de estrangeiros. As tecnologias seriam terra firme e natal para jovens. A partir do momento em que os adultos vêm se tornando também nativos-usuários intensos de tecnologias digitais, novas categorias foram acrescentadas para apontar nuances de uso não tão binárias. O conceito de nativo digital teria sido alterado para “sábio digital”, independente da geração (PRENSKY, 2009).

Livingstone (2009) pontua este mesmo aspecto como resultado de suas pesquisas. Segundo a autora, não é difícil de encontrar adolescentes confessando dificuldades em usar internet, apesar da retórica popular sobre a geração digital.

Como neste trabalho o interesse estava em investigar as práticas e significados da escrita para a primeira geração de adolescentes usuários de novas tecnologias desde a infância, mantive o conceito de nativo digital para reforçar este período de transição. Afinal, nos parece que em breve será muito mais corriqueiro que as crianças cresçam entre computadores conectados, lendo e escrevendo em multi-ecrãs. O conceito de nativo digital perderá sua força porque “muitos” provavelmente o serão. Este foi o critério adotado para a prioridade dada ao termo “nativo digital” e não ao conceito de adolescente ou jovem.

Em pesquisa italiana (RIVOLTELLA, 2006) ficou claro que existe uma forte conexão entre o uso que os pais, imigrantes digitais, fazem da Internet e as representações que possuem. Pais não usuários vêm a Internet de forma comumente negativa, vestindo posturas rígidas e de desinteresse em relação a tecnologias em geral. Pais usuários apresentam posturas mais abertas, mas ao mesmo tempo de extrema cautela, o que evidencia um “gap de conhecimento” entre as gerações, também notado entre professores. Nessa investigação, uma docente do centro da Itália declarou:

a idade média dos professores nesta escola é 50 anos, uma idade que não corresponde ao computador, muitos o vêem como inimigo da profissão, até porque tem crescido slogans equivocados, um tipo de terrorismo ao qual nos tem sujeito: “o computador substitui as pessoas” (RIVOLTELLA, 2006, p.206).

Uma outra professora, esta do norte do país, complementou:

Os alunos sabem usar a internet melhor que os professores, navegam com mais velocidade, interagem mais com o computador (...) a aula tradicional perde importância. Acho que os professores usam pouco em sala porque é pouco econômico do ponto de vista do tempo: é preciso muito mais tempo para deixar que o conhecimento seja construído do que para preparar aulas pré-confeccionadas para serem repetidas (idem, p.207).

O impacto da tecnologia digital, o lugar do livro e um novo perfil de aluno são discutidos através de observação participante e entrevistas com um universo de professores universitários brasileiros (DAUSTER, AMARAL, GUIMARÃES, MENDES, 2006), para alguns destes,

a escrita na tela parece, muitas vezes, estar associada à frieza, ao pragmatismo e à funcionalidade, sem envolver qualquer componente emocional para a sua execução. Ao contrário, a escrita à mão é a que melhor expressaria a dimensão emocional daquele que escreve (p.126).

Em depoimentos de estudantes e professoras de Pedagogia, várias docentes disseram fazer um manuscrito prévio com esquemas e notas, para posteriormente usar o computador. Para elas o processo criativo se dá pela escrita a mão, através de rituais como o uso de papel especial, da papelaria União, que é mais grosso, e uma lapiseira 0.7, mais macia. (DAUSTER, FERREIRA, TIBAU, 2009). Será que os **adolescentes**, que já cresceram tendo a internet como interface possível para a escrita tem a mesma relação com o papel e a lapiseira? Ou esta preferência pela materialidade estará circunscrita às redes de “imigrantes digitais”?

Ainda que as tecnologias digitais façam cada vez mais parte da vida dos “nativos digitais” sabemos pouco sobre os usos que eles fazem delas, ainda menos sobre como avaliam as diferenças entre escrever no cotidiano e na escola. Centros de pesquisa tem se organizado em parcerias internacionais para realizar investigações de mapeamento sobre usos, representações e apropriações de mídia entre jovens em diferentes países.

Como resultado de movimentos empíricos de grande porte, Rivoltella (2006) conclui que uma dieta midiática cada vez mais marcada por elementos intermídia pode ser considerada o indicador mais expressivo que emergiu a partir de pesquisas com adolescentes. Essa pesquisa, realizada em parceria com colegas de diferentes países europeus, oferece o ponto inicial para verificar, de um lado, a “presença” das mídias - em particular das novas mídias nas vidas dos adolescentes. Trata-se da pesquisa *Mediappro*, que envolveu centros de pesquisa de nove países europeus: Bélgica (Université de Louvain-la-Neuve), Dinamarca

(Center for Higher Education, França (CLEMI), Grécia (ASPETE), Itália (Università Cattolica del S.Cuore), Polônia (Foundation for Economic Education), Portugal (Universidade de Algarve), Reino Unido (Universidade de Londres).

Em direção semelhante, a Fundação Mac Arthur (2008) investiu três anos em pesquisas etnográficas, através de 23 estudos de caso, para investigar como jovens norte-americanos aprendem, jogam, socializam e participam da vida cívica. Novas formas de letramento, gêneros textuais, competências e habilidades têm sido notadas, assim como a emergência de uma cultura pública em rede, na qual predomina a aprendizagem entre pares em ambientes colaborativos online, produção de mídia e comunicação. Terrenos que envolvem sociabilidade, flerte, hobbies, amizade, auto-expressão e filiação a grupo de interesses tem sido redefinidos pela interação com mídias digitais.

Embora no Brasil a Embratel tivesse lançado em 1995 o serviço da internet comercial em caráter experimental, a internet sofreu, em nosso país, o primeiro “boom” em 1996. Assim, os estudantes que em 2009, estavam com 13 ou 14 anos de idade representavam potenciais “nativos digitais”. Potenciais porque a ideia de infância e juventude são construções sociais que assumem diferentes formas em diferentes contextos. Falar de forma generalizada em “geração eletrônica” - dotada de sabedoria tecnológica natural e espontânea, de certo modo negada aos adultos, se configura como perspectiva linear e não contextualizada, e que procuro evitar.

É importante assinalar que, neste trabalho, “nativos digitais” não são tomados como bloco homogêneo, mas como jovens nascidos no final da década de 1990 e que puderam ter acesso às novas mídias, integrando-as ao seus cotidianos como ambientes conhecidos e percorridos, como “dimensão essencial da experiência contemporânea” (SILVERSTONE, 2002).

Frente às mudanças e inovações tecnológicas que tendem a nos surpreender em intervalos de tempo cada vez menores, ainda seria necessário distinguir entre velhas e novas mídias? Bolter e Grusin (2002) acreditam que não, preferindo defender a “remediação” para identificar a relação de competição entre velhas e novas tecnologias da comunicação a partir dos usos sociais e interpretações culturais tecidas pelos sujeitos.

Cada mídia em singular não poderia trabalhar de forma isolada justamente porque se apropria de técnicas, formas e significados sociais de outras mídias e

tenta competir com elas ou de remodelá-las. Apenas a velocidade de difusão e a dimensão global dos processos de convergência poderiam justificar a qualidade do “novo”, geralmente atribuída à internet ou telefonia *wireless*. Um das chaves possíveis seria explorar os agentes sociais e as formas tecnológicas como faces da mesma moeda: como híbridos derivados da combinação de elementos técnicos, materiais, sociais e econômicos constituintes da cultura da convergência. Por esta, novas e antigas mídias interagem de formas cada vez mais complexas. Como observa Jenkins (2009), as palavras impressas não eliminaram as palavras faladas, assim como o cinema não eliminou o teatro e a televisão o rádio.

Telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto (...) Você pode ouvir as Dixie Chicks no DVD player, no rádio do carro, no walkman, no Ipod, numa estação de rádio na internet ou num canal de música na TV a cabo (JENKINS, 2009, p.43-44).

Há continuidades nos usos de mídia, não existindo apenas a geração TV em oposição à geração digital. Os usos se complementam. A suposição de que na internet as crianças têm possibilidades de maiores usos criativos também não corresponde integralmente ao que se vê, quando estudos demonstram que as crianças visitam sites de seus ídolos, baixam músicas e filmes e conversam com seus amigos a maior parte do tempo (HOLLOWAY and VALENTINE, 2003; LIVINGSTONE, HELSPER and BOBER, 2005).

Sendo assim, existe uma geração digital? Quais os significados dados aos usos por crianças e adultos para a mesma tecnologia? Adultos também jogam games, mas com quais significados? Focar nos usos e nos significados parece ser o aspecto-chave para o estudo desta temática, levando em consideração o contexto econômico e social, assim como de desenvolvimento político de cada caso.

Usos, usuários e significados, particularidades e usos individuais precisam ser especificados de forma apropriada para que o conceito de “nativo digital” não se transforme em uma entidade social monolítica, vista como sequencial e unidirecional. Para evitar generalizações, esforços por pesquisas empíricas de grande porte tem sido combinados com perspectivas microsociais em diferentes países, configurando-se num jogo de escalas que enriquece o campo (REVEL, 1998). Nesta tese, de escala microsociológica e inspiração etnográfica, se os sujeitos da pesquisa precisavam estar entre 14 e 16 anos, também precisavam se definir como sendo familiarizados com o uso da rede, pois apenas o fator etário

não seria suficiente para caracterizá-los como “nativos digitais”. Esta decisão se inscreveu na necessidade de limitar significados, representações e práticas de escrita entre uma geração que já nasceu na era do computador e da internet justamente para que fosse possível investigar as atuais práticas de escrita, manuscrita e digital, neste período de transição.

Tudo indica que competências de organização conceitual, argumentação e vocabulário são diferentes quando crianças e jovens trabalham com suportes digitais. Investigar a escrita digital entre adolescentes, sem levar em conta um conjunto de práticas que compõe as mudanças atuais da relação com a construção do conhecimento, com o tempo, com o pensamento, velocidade e conectividade. Há pesquisadores que se debruçam exclusivamente sobre as mudanças no léxico da linguagem digital, investigando as formas de abreviação e desvio da língua culta, assim como a identificação de novos gêneros textuais (ANIS, 2000; COSTA, 2005).

Meu interesse, entretanto, está voltado para a escrita digital como prática social contemporânea para além do horizonte estrutural da língua. Rivoltella (1998) revisa o percurso feito pela humanidade desde o momento histórico no qual o pensamento oral era a única forma de expressão e comunicação. Aborda a psicodinâmica da oralidade como expressão e como forma de pedagogia. Retoma a passagem da oralidade para a escrita e posteriormente, para a imprensa, trazendo a especificidade do pensamento literário, da “cultura do olho” em comparação com a “cultura do ouvido”. Diante disso, cabe perguntar qual o impacto da “cultura digital” em relação aos hábitos de escrita?

De Kerkhove (1997) explora os impactos materiais, morais e cognitivos das novas tecnologias, mostrando diferenças entre a nossa relação com o papel e com a tela. Para o autor o papel representa uma tecnologia da palavra fixa; enquanto nas telas “as mídias voam e alteram o pensamento”. Na cultura da tela o sujeito se constrói na exterioridade. Além disso, como dito anteriormente, um novo suporte nunca extermina o anterior.

Os meios eletrônicos não se contrapõem a pintura, a fotografia ou a mídia impressa, o computador se torna um novo meio de se obter acesso a esses materiais de arquivo, como se o conteúdo das velhas mídias pudesse simplesmente se transferir para um novo meio (BOLTER, 2001; GRUSIN, 2002, p.73).

Do mesmo modo, a escrita digital se apropria de técnicas, formas e significados de práticas manuscritas. Com o teclado é possível colorir as letras,

alterar suas formas, deixar “recados”, personalizando a área de trabalho com fotos e temas de interesse. Se na cultura do livro o escrito era guardado na gaveta, na cultura da tela o que se escreve pode ser disponibilizado online em redes sociais, blogs, através de pseudônimos e perfis. Os limites entre público e privado se confundem com facilidade na escrita de si da contemporaneidade. Procurei dialogar com este conjunto de referências para o estudo da escrita de nativos digitais.

2.5. Questões inspiradoras e os objetivos escolhidos

Tanto o JER – Diretório de Pesquisa Jovens em Rede, coordenado pela professora Aparecida Mamede, quanto o GRUPEM – Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia – coordenado pela professora Rosalia Duarte e do qual faço parte como doutoranda na PUC-Rio, defendem e priorizam pesquisas empíricas como o cerne e coração das investigações sobre infância, juventude e mídia.

No momento em que este trabalho estava sendo realizado, o GRUPEM teve o projeto “Juventude e mídia: contextos escolares e sociais” aprovado para financiamento pela FAPERJ. O que se pretendia com o projeto, no arco de 2 anos, era conhecer como fatores intra e extra-escolares - relacionados com modos de uso de diferentes mídias - se relacionam com a promoção da motivação para a aquisição de novos conhecimentos e com a continuidade dos estudos. Foram sujeitos desta pesquisa jovens que cursam o ano final do Ensino Fundamental. O desenho da pesquisa envolveu a aplicação de questionários para alunos e professores do 9º ano do Ensino Fundamental em uma amostra de 30 escolas municipais do Rio de Janeiro.

Pretendi com esta tese oferecer minha contribuição à reflexão sobre a relação entre jovens e mídias em outra escala, através de uma investigação qualitativa, que permitisse acompanhar de perto e por um período mais prolongado, os emaranhados de construções sociais simbólicas que nativos digitais têm apresentado sobre a realidade mediada em que vivem, ocupam, interagem, leem e escrevem. Se o GRUPEM adotou questionários como instrumento principal, no presente trabalho investi na observação in loco, entrevistas e análises dos textos escritos pelos jovens. Os campo de observação e

análise priorizados dizem respeito à escrita de nativos digitais quando em contato com as mídias e sua veia é empírica. Como resume Brandão (2008, p.609):

um dos aspectos mais relevantes da posição de Revel (1998) no debate sobre o “jogo de escalas” está no reconhecimento de que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise. As escalas de observação – perspectiva aérea ou do nadador para Elias (1939), de fora e de longe ou de dentro e de perto segundo Magnani (2005) – ao oferecerem ângulos diferentes de construção de objetos de pesquisa, não podem ser pensadas como extremos de um mesmo contínuo, pois não se trata de um problema metodológico, e sim de uma impossibilidade epistemológica. A realidade social é por demais abrangente e complexa para comportar a pretensão de um verdadeiro e definitivo olhar, a partir de uma abordagem supostamente mais abrangente.

Entendendo esta dinâmica, enquanto o GRUPEM cartografa os usos de mídia feitos por jovens e professores em seus cotidianos, **este trabalho observa** detalhes sobre a expressão escrita de membros pertencentes a uma geração digital.

Sobre a escrita, **a proposta foi investigar** o que e como nativos digitais escrevem. Que relações estabelecem com o texto escrito? Que significados atribuem à prática de escrever na tela do computador e de comunicar-se por escrito em ambiente digital? As questões de pesquisa ganharam o seguinte delineio:

- Que representações e significados possuem sobre a escrita digital e manuscrita?
- Quais são suas práticas escritoras?
- Que comparações estabelecem entre tais práticas?

O conceito de representação (CHARTIER, 1990) aqui adotado permite articular três modalidades da relação com o mundo social: o trabalho de classificação, delimitação e exclusão construído pelos diferentes indivíduos e/ou grupos, as práticas que exibem uma maneira própria de estar no mundo a partir de símbolos compartilhados - neste caso, a escrita digital - e as formas institucionalizadas de perpetuar a existência de um grupo, classe ou comunidade.

Por essa razão, o estudo aqui apresentado partiu do problema da escrita pelo ponto de vista dos seus praticantes numa perspectiva microssocial, procurando identificar: como esses sujeitos definem escrita? O que é escrever para eles? Para que serve? Como praticam? São capazes de escrever de acordo com as exigências dos diferentes gêneros discursivos ou estão transpondo para a escrita, de forma generalizada, o sotaque, léxicos, abreviações, iconização e as gírias dos gêneros discursivos digitais? Afinal, como sublinha Nemi Neto (2007):

Produzimos texto em diferentes circunstâncias, com finalidades diferentes, interlocutores diversos e suportes distintos, produzindo, assim, diferentes gêneros discursivos. Portanto, saber escolher o gênero para organizar o discurso implica conhecer suas características composicionais, temáticas e linguísticas, saber também o contexto, lugar de apresentação ou circulação, finalidade e público. (p.48)

Pais e professores costumam temer os efeitos nocivos da escrita digital entre jovens. Alegam que a produção do texto adolescente na internet tem influenciado negativamente a capacidade dos mesmos em se expressar em trabalhos escolares, envergando a norma culta da língua na direção de abreviações excessivas. Plágios, cópias aproveitadas de hipertextos digitais para trabalhos universitários tem sido vistos como questão para pesquisadores e docentes (Silva, 2008). O abismo entre gerações, mote para reflexões:

De um lado, o professor, com sua história e sua temporalidade inscritas em modos particulares de leitura, formados com base em sua inserção acadêmica e profissional; de outro lado, o aluno, representando o novo trazido por sua geração e pela cultura já modificada que a permeia. Nesse distanciamento espaço-temporal entre a história do professor e a vivência do aluno é que percebemos nos artefatos culturais, ou seja, nos objetos concretos que passam a mediar as relações de alunos e professores com os atos de leitura e escrita, um obstáculo que por vezes dificulta a integração da experiência de adultos e crianças. (JOBIM e SOUZA & GAMBA JR., 2002, p.109)

Neste trabalho, entretanto, as perspectivas, ponderações e argumentos buscados foram exclusivamente dos próprios nativos digitais. A metodologia para a abordagem do problema foi sendo pensada aos poucos.

2.6. Estudos em diálogo

Estudos sobre jovens e a escrita digital são muito recentes. Pesquisadores da Universidade de Michigan se propuseram a analisar o perfil conceitual, metodológico e empírico de 1502 artigos científicos publicados em periódicos internacionalmente reconhecidos versados sobre o tema da escrita, no período de 1999 a 2004 (JUZWIK *et. al.*, 2006). Após identificarem os principais problemas definidos e atores investigados por pesquisadores da área, mostraram-se surpresos com a pouca atenção voltada para a relação entre escrita e tecnologia (129 artigos). A ênfase no período não priorizava estudos com jovens.

Para a minha pesquisa, uma das primeiras referências foi o trabalho conduzido, em 1999, pelas pesquisadoras norte-americanas Lewis e Fabos (2005),

uma forte inspiração para a metodologia que optei por adotar. O estudo que realizaram sobre mensagens instantâneas acompanhou de perto sete jovens, quatro meninas e três rapazes, usuários regulares de tecnologia em seus cotidianos de acordo com a perspectiva dos *New Literacy Studies*. Para facilitar o contato e a entrada na residência dos mesmos, assim como as áudio e vídeo gravações, os jovens foram indicados entre pessoas conhecidas das autoras, num primeiro momento, e entre conhecidos dos próprios jovens, posteriormente.

Entrevistas semi-estruturadas eram feitas presencialmente com uma hora a uma hora e meia de duração, seja individualmente ou em grupo, quando os jovens eram amigos entre si. A tela do computador também foi filmada enquanto explicavam suas ações, conversas e truques na tela às pesquisadoras, assim como as mensagens instantâneas digitadas durante as sessões. Desta experiência eu separei alguns condões: a investigação presencial e não apenas online, a entrada nas residências dos jovens como proposta, com os computadores ligados, o sistema de rede para a chegada em outros jovens, a gravação das telas enquanto explicavam o que e por que escreviam.

Uma segunda referência foi o trabalho realizado por Jacobs (2004), que também trabalhou em direção similar. Para o estudo de mensagens instantâneas adotou como sujeito central da pesquisa, Lisa, de 15 anos, moradora de Nova Iorque. Os outros cinco jovens investigados por Jacobs faziam parte da lista de contatos de Lisa no AIM (*America Online Instant Messenger*). A riqueza de detalhes que estas duas pesquisas citadas trazem, a proximidade e contato com os sujeitos investigados, a permanência no campo e o estilo da abordagem chamaram minha atenção: seguir por este caminho daria espaço para que meu interesse pessoal pela abordagem etnográfica ganhasse vazão e força.

A pesquisa de Caron e Caronia (2007), desenvolvida com o apoio do *Center for Youth Media Studies* (GRJM) de Montréal, embora não enfoque a escrita em termos explícitos, pois pretendeu realçar o estudo de jovens com seus celulares, descreve as maneiras através dos quais adolescentes tem trocado torpedos para bater-papo, flertar e “focar” – seria a “morte do silêncio” possibilitada pela oferta de contato online 24 horas por dia com diferentes pessoas do planeta?

A pesquisa etnográfica foi empregada para entender como um instrumento da comunicação, nesse caso, o celular, passou a fazer e faz parte da rotina de oito adolescentes canadenses. Os autores sabem que por essas alamedas teórico-

metodológicas não são tecidas generalizações, mas os ganhos são extremamente compensadores justamente porque possibilitam capturar o processo de construção de significados, oferecendo riqueza de detalhes sobre usos, práticas e representações construídas. São estas formas de abordar as questões sociais, com enfoque etnográfico, com as quais me identifico e foi nelas que procurei solo e inspiração.

Silverstone (2002) pensa o impacto da mídia na textura da experiência, como constituinte do nosso cotidiano, contribuinte para nossas falas e interações diárias, trazendo peso e valor para estudos que reconheçam e exponham a qualidade e sentido das experiências para os sujeitos “em seus próprios termos” (GEERTZ, 1997). Por que não fazer o mesmo para estudar a escrita de nativos digitais?

A pesquisa *Pew Internet sobre Writing, Technology and Teens* (LENHART *et. al.*, 2008), maior inspiradora para colocação de questões no roteiro semi-estruturado de entrevistas para essa tese teve como objetivo conferir junto a jovens o que os mesmos tinham a dizer sobre a escrita em suas vidas – com enfoque nos significados dados à comunicação digital em comparação com a escrita formal. Através de um *survey* nacional foram realizadas entrevistas por telefone e grupos focais nos quais os jovens falaram sobre o impacto da escrita digital tanto na escrita escolar como na cotidiana.

A amostra contou com 700 jovens entre 12 e 17 anos, sendo que 73 destes participaram dos oito grupos focais realizados com meninos e meninas em quatro diferentes áreas geográficas nos EUA, explorando as várias formas de escrita adotadas e os significados que dão para esta forma de comunicação. O estudo focou deliberadamente a perspectiva dos jovens. Eles foram indagados sobre a importância da escrita para o futuro e sobre suas percepções acerca da eficácia das estratégias educacionais adotadas. Também responderam questões relativas às distinções entre a escrita escolar e a não-escolar e a relação desses dois tipos de escrita com a tecnologia. Neste trabalho utilizei muitas das perguntas que foram feitas por telefone aos jovens norte-americanos para a elaboração das perguntas que me propus a fazer aos nativos digitais no Rio de Janeiro.

Na pesquisa *Pew Internet* (LENHART *et. al.*, 2008) também foi pedido aos estudantes que mostrassem algum material escrito por eles considerado bom e eles trouxeram diferentes exemplos: poemas, projetos para escrita de livro, artigos de

pesquisa, ensaios para a escola, músicas e raps, SMS, programas de computador, projetos escolares, jogos. Cada jovem pode identificar e compartilhar a satisfação que teve com a escrita. Esta manobra me pareceu sedutora, sendo incluída no roteiro.